

VIR A SER PSICODRAMATISTA - um caminho de singularização em co-existência

Marília J. Marino – PUCSP

Resumo

O Psicodrama, como é conhecida a obra de Jacob Levy Moreno (1889-1974), acena para que *psykhé* se faça *palco* e assim re-encontre “sopro de vida”, como *espontaneidade-criatividade*, na relação com o *mundo* das coisas, do outro, de si mesmo, do conhecimento. Mostra-nos que estamos sempre desempenhando papéis; estes abrem regiões- territórios existenciais- onde aparecemos em nossos *modos de ser* como atores, autores, espectadores. No convite para *habita-los*, a apropriação da herança Moreniana enquanto abordagem teórico-metodológica, abre então um caminho para a singularização em co-existência: *ser-no-mundo* em nossas possibilidades mais próprias, inclusive na relação com os fenômenos para onde seus conceitos e modalidades de ação apontam.

Nosso papel de investigadora, neste trabalho, emerge do lugar de quem realiza com um coletivo, uma Proposta de Formação em Psicodrama, possibilitado pelo convênio realizado entre a Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), instalada em 1996. O curso constitui-se numa experiência pioneira como pós-graduação *lato sensu* – especialização, dirigindo-se a profissionais das áreas da Educação (empresa, escola, comunidade) e da Saúde (clínica, instituições). Como campo fenomênico, factual, debruçamo-nos sobre a experiência dos profissionais- alunos da primeira turma, indagando sobre sua trajetória.

Colocamo-nos a questão: *O que acontece com o ator social como ser-no-mundo, em seu vir a ser psicodramatista*. Como o profissional-aluno, ator social, compreende sua trajetória? O que diz à sua existência? Colocar desse modo a questão, implica em nos perguntarmos sobre o Psicodrama como produção de “subjetividade”, como caminho de singularização num aprender a *habitar* modos de ser e sobre este projeto de Educação e seu sentido, colocando-nos a nós próprios em questão, como possibilitadores desta travessia.

Num retorno às origens existenciais da abordagem Moreniana, trabalhamos no horizonte da fenomenologia existencial hermenêutica, tendo Martin Heidegger (1889-1977) como companheiro de pensamento, permitindo-nos redescobrir *espontaneidade-criatividade* como modo de ser: *abertura* ao que surge (*physis*) a um reunir-recolher (*logos*) e ao desvelamento (*aletheia*), num dizer que busca trazer o “coração” para a tomada de medida. Aí o “real” se põe como fenômeno - o que aparece e se mostra e não na cisão sujeito-objeto.

A aproximação entre Moreno, médico-educador-psicoterapeuta, homem voltado para a ação, para o cuidado ôntico e Heidegger, pensador do ser e da finitude torna-se fértil, enquanto dos lugares diferentes em que constroem suas obras, falam juntos de um re-começo para nossa civilização: a construção da habitação humana como *poiësis* – genuína ação de fazer. Após o Prólogo: “Abrindo as cortinas”, caminhamos em *Atos* e *cenas*.

No primeiro Ato: “Do Projeto Educacional - Formação em Psicodrama - ao Projeto de Investigação”, realiza-se a experiência de se pensar como ator social, como ator psicodramático e como ator existencial no *palco do mundo*, onde *palco* e *mundo* falam juntos de *ser*. Uma caminhada na direção de um *aprender a habitar* – um *abrir-se*. Possibilidade de retomar *espontaneidade-criatividade*, como fundamento da proposta Moreniana em que se pauta o Projeto do Curso de Formação em Psicodrama em questão, num retorno à condição humana como *ser-no-mundo*. Apresentamos a questão norteadora e o caminhar no círculo hermenêutico compreensivo-interpretativo em que o Psicodrama se põe como proposta de ação em *co-criação* na atuação profissional e na pesquisa.

No segundo Ato: “O Ator social como psicodramatista se traz como Autor”, são apresentados e trabalhados os “dados de campo” em cada uma das cenas: o projeto de vir a ser psicodramatista conforme as cartas de intenções dos candidatos ao curso; a trajetória de cada um

e do grupo num Ato Sócio-psicodramático e o encontro com duas profissionais-alunas na forma de entrevista onde emergem ações dramáticas.

No terceiro Ato: "Vir a ser psicodramatista como caminho de singularização em co-existência", resgata-se a caminhada a partir do clareamento possibilitado pela questão norteadora acerca da região do saber denominada Psicodrama, que pretendemos reaproximada às suas bases existenciais e sua concretização num projeto Educacional de Formação, como possibilitador de espontaneidade-criatividade, um poder aprender, um abrir-se para *habitar o palco social, o palco psicodramático, o palco existencial*.

Finalmente em "As Cortinas caem provisoriamente", retomamos nossa experiência como investigadora e apontamos novas perspectivas de pesquisa.

Abstract

Psychodrama, as the work of Jacob Levy Moreno (1889-1974) is known, proposes that the *psykhé* become a *stage* in order to reencounter the "breath of life", in the form of *spontaneity-creativity* in its relationship with the world of things, of the other, of the self, of knowledge. It shows us that we are always playing roles; the latter open up regions – existential territories – where we appear in our *ways of being* as actors, authors, spectators. With the invitation to *inhabit them*, the appropriation of the Morenian heritage as a theoretical and methodological approach opens the way to singularization in co-existence: *being-in-the-world* in our most personal possibilities, including in relation to those phenomena to which its concepts and modes of action point.

Our role as an investigator in this work grows out of the role of one preparing within a group context a Proposal for a Degree Program in Psychodrama, made possible by a cooperative agreement between the Psychodrama Society of São Paulo (SOPSP) and the Catholic University of São Paulo (PUCSP) and begun in 1996. The course is a pioneer experience as a non-degree post-graduate specialization aimed at professionals from the areas of Education (companies, schools, the community) and Health (clinics, institutions). As a factual, phenomenological, field we looked at the experience of the student-professionals in the first graduating class, inquiring about their own trajectories.

We posed the question: *What happens to the social actor as a being-in-the-world when he becomes a psychodramatist?* How does the student-professional as social actor, perceive his trajectory? What does it mean to his existence? Posing the question in this way implies asking ourselves about psychodrama as a production of "subjectivity", as a path to singularization in learning to *inhabit* modes of being and about this educational project and its meaning, subjecting our own selves to questioning as enablers for this journey.

In a return to the existential origins of the Morenian approach, we are working on the horizon of the hermeneutics of existential phenomenology, having Martin Heidegger (1889-1977) as a companion in thought, permitting us to rediscover *spontaneity-creativity* as a way of being: *openness* to what arises (*physis*), to a reuniting-withdrawing (*logos*) and to a dis-closure (*aletheia*), in an utterance that seeks to bring in the "heart" as a yardstick. And it is there that what is "real" comes in as a phenomenon – what appears and shows itself and not the split between subject and object.

The approximation between Moreno, physician-educator-psychotherapist, a man inclined to action, to ontic concerns, and Heidegger, a thinker on being and finitude, becomes a fertile one, while from the different spaces wherein they built their works, they speak together of a new beginning for our civilization: the building of human habitation as *poiësis* – the genuine action of doing. Following the Prologue: "Opening the curtains", we move on to *Acts and scenes*.

In the first Act: "From the Educational Project – A Degree Program in Psychodrama – to the Investigational Project," comes the experience of thinking of oneself as a social actor, as a psychodramatic actor and as an existential actor on *the world stage*, where the *stage* and the *world* talk to each other about *being*. A walk in the direction of *learning to inhabit* – an *opening of the self*. The possibility of resuming *spontaneity-creativity* as the foundation for the Morenian proposal on which this Project for a Degree Course in Psychodrama is based, in a

return to the human condition as *being-in-the-world*. We present the guiding question and the walking in the comprehensive-interpretive hermeneutic circle in which psychodrama places itself as an action proposal in co-creation in professional activities and in research.

In the second Act: "The social Actor as psychodramatist brings himself in as Author", the "field data" are presented and worked with in each of the scenes: the project of becoming a psychodramatist as provided for in the letters of intent of the candidates for the course; the trajectory of each and of the group in a socio-psychodramatic Act and the encounter with two student-professionals in the form of an interview wherein dramatic actions emerge.

In the third Act: "Becoming a psychodramatist as a road to singularization in co-existence," the journey is redeemed starting with the clarification afforded by the guiding question about the field of knowledge called psychodrama, which we intended to bring back to its existential foundations and to see transformed into a Degree-Program Educational Project, as an enabler of *spontaneity-creativity*, an enabler of learning, an opening up to *inhabiting the social stage, the psychodramatic stage, the existential stage*.

Finally in "The curtains fall temporarily" we resume our role of investigator and point out new perspectives for research.

A QUESTÃO ESTUDADA

"O Mundo é um Palco,
todos os homens e mulheres são atores,
Eles têm suas próprias saídas e entradas
E cada um, a seu tempo,
Desempenha vários papéis
E cada ato dura por sete eras"

Shakespeare

As palavras do poeta-dramaturgo ressoam como um convite para uma experiência com o pensamento meditativo que aqui se pretende empreender. Neste horizonte, conhecer algo é conhecer-se, uma vez que conhecer é um modo de ser. Ao debruçar-me sobre algo que me provoca, *o vir a ser psicodramatista*, reconheço-me implicada de diferentes maneiras, na busca de um clarear de onde se fala, para trazer o que acontece e de que cuida o dizer.

O lugar de onde brotam as palavras, nesta nossa experiência com o pensamento, é a *metáfora do palco*, como nos fala Shakespeare. Ousemos trabalhar com base nela, permanecendo o aguardo para clarear seu sentido, o que pode se dar no próprio movimento de pôr-se a caminho.

De que nos fala *palco*?

Reconhecemos um lugar onde algo acontece. É para aí que se dirige o foco de luz do nosso olhar, iluminando o que se dá um cenário, tecendo sentidos. Conforme a perspectiva desse olhar, horizonte de onde emerge, o *palco* se abre em planos, âmbitos, campos, numa "clareira" em que nos fazemos presença com as coisas. Nele podemos ser presença como *autor*, instaurando o que acontece, como *ator*, participando deste algo que acontece, ou nos mantermos à distância como *espectador*; mas mesmo aí, um novo *palco* se abre sob nossos pés, como num jogo de espelhos.

É da condição humana poder ver e poder ver-se no ato de ver, dando-se conta do que acontece consigo e ao redor, o que a marca como abertura, possibilitando *reflexão*, no voltar-se sobre o experienciado e *criação*, no instaurar algo novo, produzir. Movimentos estes que são diferenciados, mas falam juntos da possibilidade dada ao homem de trans-cender, ir além, ultrapassar o imediatamente dado e, assim, poder ver e experienciar sua existência como palco, onde recolhe vida em cenas-situação.

A palavra *palco*, assim, guarda no cotidiano, mesmo em seu sentido figurado, a lembrança de sua origem: o teatro - theatron - lugar onde se vê ¹, também um modo de conhecimento. No jogo de espelhos, mundo e si mesmo enredados se oferecem em modos de ser, visíveis nos papéis que desempenhamos, tramados na cultura, nas contingências de um momento histórico. Não são translúcidos os espelhos, no entanto. Há sombras no *palco*. A condição humana partilha do jogo de ocultação e desocultação, a partir *do que* as coisas e cada si mesmo vêm à luz. No *mistério* que nos envolve e a todas as coisas, no *tempo de cada um*, autores, atores, espectadores, temos nossas *próprias saídas e entradas*, escolhidas e não escolhidas, nos diferentes *palcos-mundos* que brotam da existência.

É no movimento de compreender-compreender-se, transformar-transformar-se como co-responsável pelo jogo de ocultação e desocultação que o homem constrói obras e instala *palcos* como a filosofia, a ciência e a técnica, a arte, a religião, diferentes visadas e também *moradas* para dar conta de ser, *cuidar* de si, do outro, do que nos acontece em tantos *palcos* do cotidiano.

Na contemporaneidade, a condição humana tende a se experienciar na aceleração do tempo, privilegiando a ciência - tecnologia, uma visada que calcula, na construção da casa do homem no mundo. *Entradas e saídas* de cena se intensificam, cabendo a pergunta pelo que é *próprio* nos atos do homem, onde anda consigo mesmo, enquanto *singularidade*, no resgate de uma visada que medita.

Em que *palco* ou *palcos* se encontra o *psicodramatista*? Como participa da construção da casa do homem no mundo? Inscreve-se no Psicodrama a obra de Jacob Levy Moreno (1889 - 1974), como é conhecido seu Projeto Socionômico: abordagem teórico - metodológica em ciências humanas, que tem suas raízes no teatro espontâneo.

O conjunto da produção Moreniana convida a que a existência se faça *palco* e reencontre *espontaneidade-criatividade*, na relação com o *mundo* das coisas, do outro, de si mesmo, do conhecimento. Mostra-nos que estamos sempre desempenhando papéis. À luz de um pensamento que medita, estes abrem regiões onde aparecemos em nossos *modos de ser*, como atores, autores, espectadores. No chamado para *habitá-los*, a apropriação dessa herança abre um caminho para a singularização: *ser-no-mundo* em nossas possibilidades mais próprias, inclusive na relação com os fenômenos para onde seus conceitos e modalidades de ação apontam.

O papel de investigadora, neste trabalho, emerge do lugar de quem realiza com um coletivo, uma Proposta de Formação em Psicodrama, possibilitada pelo convênio realizado entre a Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Instalado em 1996, o curso constitui-se numa experiência pioneira como pós-graduação *lato sensu* - especialização, dirigindo-se a profissionais das áreas da Educação (empresa, escola, comunidade) e da Saúde (clínica, instituições).

A experiência dos profissionais - alunos da primeira turma em sua trajetória é o *palco* fenomênico, factual da investigação, um *querer-saber* que vai se construindo no caminho em direção à questão norteadora, que brota do percurso: *O que acontece com o ator social, enquanto ser-no-mundo, em seu vir a ser psicodramatista*. Como o profissional-aluno, ator social, compreende sua trajetória? O que diz à sua existência? Colocar desse modo a questão implica nos perguntarmos sobre o Psicodrama como produção de "subjetividade", como caminho de singularização num aprender a *habitar* modos de ser e sobre este Projeto de Educação e seu sentido, colocando-nos a nós próprios em questão como possibilitadores desta travessia.

Num retorno às origens da abordagem Moreniana, trabalhamos no horizonte da fenomenologia existencial hermenêutica, tendo Martin Heidegger (1889-1977) como companheiro de pensamento, o que nos permite redescobrir *espontaneidade-criatividade* como modo de ser: abertura ao que surge (*physis*), num reunir-recolher (*logos*) que se faz desvelamento (*alethéia*).

A aproximação entre Moreno, médico-educador-psicoterapeuta, homem voltado para a ação, para o cuidado do homem e Heidegger, pensador do Ser, que desoculta o cuidado como ser do homem no horizonte da temporalidade, torna-se fértil enquanto

¹ Luiz Paulo VASCONCELLOS, Dicionário de Teatro, p 206

dos lugares diferentes em que constroem suas obras, falam juntos de um recomeço para nossa civilização: a construção da habitação humana como *poièsis* - genuína ação de fazer.

Caminhamos em *Atos* e cenas.

No Primeiro Ato - *Do Projeto Educacional - Formação em Psicodrama - ao Projeto de Investigação*, realiza-se a experiência de se pensar como ator social, como ator psicodramático e como ator existencial no *palco do mundo*, onde *palco* e *mundo* falam juntos de *ser*. No percurso experiencial - teórico, caminhamos em direção à questão norteadora, explicitando os fundamentos teórico-metodológicos da investigação.

No *Palco Social* presentificamos o campo factual sob investigação: um projeto educacional que visa possibilitar o *aprender-fazer Psicodrama*, tomando a si a questão do *vir a ser psicodramatista*. Apresentamos alguns aspectos de seu ser como *documento*, enquanto carta de intenções que articula um coletivo.

Situamos aí, no palco social onde se dá este projeto educacional, o horizonte último deste trabalho: a busca pelo seu sentido que se desdobra numa compreensão do que é Psicodrama (como obra Moreniana) e do que é um projeto educacional, como um relacionar-se com uma produção de um determinado lugar. Reconhecemos como chão fundante da obra Moreniana e de um projeto educacional nela fundado, o *ser espontâneo-criador* que como um modo de *ser*, abre espaço para buscarmos clareamento junto ao pensador do ser, Martin Heidegger. Esclarecemo-nos acerca da Socionomia, suas áreas e métodos.

No *Palco Psicodramático* acontece uma tentativa de clarear as implicações do nosso lugar no palco social anunciado. Mediante a construção de um psicodrama "interno", que se dá no plano do imaginário, voltamo-nos para as relações que aí estão postas, visitando nossos papéis no campo factual, num mergulho neste mundo, onde se mostra um ser junto a, com o outro. Experienciamos assim, uma das possibilidades de como o psicodrama se dá. Familiarizamos-nos com a arquitetura da produção psicodramática: contextos, etapas, instrumentos e técnicas, numa primeira aproximação à linguagem psicodramática. Realizamos experiência e reflexão acerca da espontaneidade-criatividade, onde falam as palavras gregas: *physis* (surgimento), *logos* (re-unir, recolher), *aletheia* (des-velamento) e conta de um modo de relacionar-se com o outro, com o que está ao redor.

Aparece um sentido em que o projeto educacional de formação em psicodrama se desdobra: um cuidar atento ao *quê* se cuida e aos *modos* de cuidar, presente nas palavras: aliança com a vida.

Aproximamo-nos do sentido da palavra *drama*, reconhecendo no Psicodrama, um modo de *fazer-habitar* que nos remete à *poyèsis* como genuína ação de fazer.

No *Palco Existencial* esclarecemos o habitar: modo como os mortais são sobre a terra. Pedimos auxílio a um poeta e a um pensador, respectivamente, Hölderlin e Heidegger, para trazer a condição humana como abertura em seu ser espontâneo criador – um habitar poético, mas que fala da nossa condição de contínuo desenraizamento: marca trágica do ser-no-mundo em finitude e errância. O Psicodrama enquanto abordagem, horizonte de compreensão sobre o existir humano, vai se presentificando como um chamado para fazer-habitar: um construir-cultivar, pensar-fazer que recolhe vida em cenas, articulando palco (lugar de des-velamento) e mundo.

Percorridos os palcos, explicitamos a questão norteadora a que se chega: *o que acontece com o ator social, como ser-no-mundo, em seu vir a ser psicodramatista*. O para *quê* da investigação, seus fundamentos metodológicos e procedimentos são apontados.

No Segundo Ato - *O Ator Social em seu vir a ser psicodramatista se traz como Autor*, encontramos-nos com os dados de campo e o clareamento dos procedimentos construídos para coleta e estudo. Trabalhamos a compreensão que este tem de seu caminho, como um caminho *habitante*, possibilitador de *espontaneidade-criatividade*, singularizador.

Após o reconhecimento do grupo pesquisado, a turma A.S.A., apresentamos os dados de campo em três eixos:

O *projeto* de vir a ser psicodramatista expresso nas cartas de intenções por ocasião do ingresso no Curso de Formação, em que temos a oportunidade de reconhecer este projeto, revelador de uma compreensão prévia acerca do Psicodrama como obra Moreniana.

A *trajetória* de cada um e do grupo, conforme é experienciada num Ato Sócio-Psicodramático em que está em questão o vir a ser psicodramatista - atores sociais e pesquisadora fazem-se investigadores, como explicitamos, a partir do protocolo do Ato.

A *experiência* de dois atores sociais, após o término dos créditos do curso em que duas mulheres, uma de cada *setting* (psicoterapêutico e sócio-educacional), se trazem a partir de encontro individual com cada uma delas. Neste, dão seu depoimento e também se revelam na linguagem psicodramática, em torno do fenômeno em estudo: o vir a ser psicodramatista. Momento de verticalização da investigação, em que dois mundos se desvelam, possibilitando resgate de dados anteriores surgidos na pesquisa, em relação a ambas, ao grupo-classe e ao Curso de Formação. Como dado complementar, revisitamos seus ensaios biográficos produzidos na condição de profissionais - alunas e constatamos, além da apropriação da palavra poética, um modo de ser que possibilita um *fazer-habitar, espontâneo-criador*.

No Terceiro Ato - *Vir a ser psicodramatista como um caminho de singularização em co-existência*, recuperamos todo o nosso percurso, focando o fenômeno estudado perante a abordagem Moreniana e seu enraizamento à luz da ek-sistência, perspectiva em que Heidegger aborda o ser do homem. O Psicodrama aparece assim, como um fazer-habitar que se articula como Ciência - Arte - Visão de Mundo. Resgatamos também os subsídios que a investigação trouxe para o en-caminhar o Projeto Educacional em suas duas faces, como documento e como movimento que articula um Coletivo.

Nas Considerações Finais - *As Cortinas caem provisoriamente*, trabalhamos nossa experiência do percurso e, *numa tomada de medida*, avaliamos o que nos trouxe como ator social implicado na investigação, abrindo novas perspectivas para sua continuidade.

REFLETINDO SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO

PRIMEIRA CENA: Pensamento meditativo, pensamento do sentido: convite ao *habitar*

...Pleno de méritos, mas poeticamente, o homem
Habita sobre esta terra...

Hölderlin

Como foi anunciado no prólogo, este é o momento de recuperarmos o essencial do percurso empreendido, face à interrogação: *o que acontece com o ator social como ser-no-mundo em seu vir a ser psicodramatista*. Posta como questão norteadora, surgiu do que nos convoca a pensar: *o vir a ser psicodramatista* - condição existencial em que nos re-conhecemos, do lugar de quem junto com um coletivo constrói um Projeto Educacional: Formação em Psicodrama e investiga a experiência da trajetória dos profissionais-alunos da primeira turma, que se dispôs a abraçar esse caminho.

O vir a ser psicodramatista - posto como fenômeno existencial, um modo de ser em situação, é por nós tematizado no caminho de uma pesquisa qualitativa aberta à co-participação, proposta em que Jacob Levy Moreno - o fundador do Psicodrama (Socionomia) é precursor, quando afirma o *status* de investigador do ator social -(*sócius*:companheiro), a *co-criação* como fundamento metodológico das diferentes modalidades de trabalho sócio-psicodramático e a busca do *encontro*, em que *procuramos* pelo outro, à luz de sua "filosofia terapêutica".

Tentamos trazer para nossa caminhada o pensamento da *lembrança do ser* de Martin Heidegger, a partir de uma direção que vem da própria obra de Moreno: o homem como ser (verbo) em relação, contando com um *palco* privilegiado para aprender a *habitar* (*se*) - e fazer (*poiêsis*) *habitar* - o palco psicodramático. Aí se dá o resgate do ser espontâneo-criativo (*um começar por si mesmo*) que fala da *existencialidade do ser-no-mundo, sua abertura ao ser*, embora numa ultrapassagem tolhida pela *facticidade e pela finitude*, desafiando-nos sempre a nos apropriarmos de nossas possibilidades de ser em existência autêntica. Mover-se no projeto Moreniano, acena com a possibilidade de um encaminhar-se na singularização (o ser si mesmo), experienciado em co-existência.

Para nos aproximarmos do modo de ser *psicodramatista*, para o reconhecer, nos demos conta do que é Psicodrama como abordagem teórico-metodológica, e mantivemos no horizonte o projeto educacional que disponibiliza essa abordagem como apropriação e investigação. Ter realizado a caminhada permite-nos agora dizer que apropriamo-nos mais de nosso ponto de partida, e que a *tarefa continua*. Na verdade, põe-se a cada vez em que nos lançamos no caminho do Psicodrama e aí, o *psicodramatista*, não é identidade social, certificada pelos cânones institucionais, embora careçamos deles, mas um modo de experienciar a nossa *existencialidade* como espontaneidade-criatividade e possibilitar a quem estamos a serviço, esse resgate, como vida *habitante*. É então, *vir a ser* - um pro-jetar-se que se realiza num modo de estar com o outro.

Dispusemo-nos a exercitar o pensamento meditativo em contrapartida ao fazer "objetificante" da ciência calculadora que aprisiona "o que se mostra", "o que se manifesta como o patente" na cisão sujeito-objeto, de uma representação pronta, assinalando a confluência da *co-criação* psicodramática com a orientação fenomenológica existencial hermenêutica: um (des)ocultar sentido(s) que brota da significatividade do com-portar-se do homem - *dasein*: ser-no-mundo.

Movemo-nos na linguagem e é com ela e a partir dela que a significatividade se dá, o que nos joga no círculo hermenêutico (círculo compreensivo-interpretativo). Não podemos negar o círculo, mas penetrar nele e a partir dele, apropriarmo-nos do sentido que vai se fazendo em situação. Isto nos remete a considerar a *presença da coisa presente* - acolhendo o que chega da (des)ocultação e assim aprender com os poetas gregos a partir das palavras guias: *Phisys* (o surgimento), *alethéia* (verdade como desvelamento), *logos* (fala - discurso como um re-colher). Ainda que permaneça como um vislumbre, é a possibilidade de não nos fecharmos nas "conservas culturais", no discurso Moreniano, perdendo de vista que somos co-criadores..

Já nos primeiros passos desta investigação, demo-nos conta de que pensar espontaneidade-criatividade (o começar por si mesmo singular), à luz da *lembrança do ser* nesse re-encontro com os gregos via Heidegger, só poderia permanecer como uma indicação - dadas as limitações da investigadora e do cuidado concreto num caminho em que se faz educação e que nos move a "investigar". Fica assinalado assim, o esforço para romper com o cientificismo objetificante que, se atinge Moreno na tentativa de construir um caminho na "via da ciência moderna - da era tecnicista", preserva-se no apelo para o re-encontro com a existência, em cada cena-situação no palco psicodramático e no palco social em que se revela a *ek-sistência* de cada um de nós.

Ganhamos a clareza de que demos apenas os primeiros passos nessa direção, quando à luz do *investigar* segundo Heidegger, chegamos ao querer-saber em que se funda o poder-aprender: um encaminhar-se na re-solução de poder su-portar o que se manifesta, em sua verdade, a cada vez e nisto nos ex-pomos. Esta foi a direção seguida, ao nos exercitarmos num ver fenomenológico existencial hermenêutico (ou simplesmente o pensamento meditativo) em relação aos "dados da pesquisa", movendo-nos no plano ôntico-fenômico, mas tentando (des)ocultar sentido(s) que brota(m) de um *habitar* a palavra e o palco na busca de um novo vigor para estarmos diante da produção Moreniana e de um Projeto Educacional que movimenta a obra.

Ao postularmos a questão norteadora divisávamos que se desdobrava nos *domínios*: Psicodrama e Educação, emergia de um *âmbito*: o Curso de Formação e seu desenho pedagógico, enquanto proposta de Educação, *tendo em vista* o profissional em formação - ator social no dever de aprender-fazer Psicodrama, mas considerando o estar lançado numa possibilidade de ser (como ser-no-mundo) *espontâneo-criativo: abertura ao ser*.

Dávamo-nos conta que o perguntar acerca do que acontece com o ator social em seu vir a ser psicodramatista é também perguntar acerca do que nos acontece no Projeto Educacional com o qual estamos comprometidos e o que acontece com o Psicodrama. Divisávamos caminhar por entre campos do saber herdados da modernidade: filosofia, ciência e arte, pois nesse entrecruzamento o Psicodrama nos joga, como: um *projetar mundo*, numa aliança de arte e vida; um *tomar chão*, "ciência" a serviço da vida, transformadora do homem em relação, um *fundamentar-legitimar*, uma visão de mundo: "filosofia" da Vida como espontaneidade-criatividade.

Aqui também ganhamos a clareza de que se nos movemos nesse entrecruzamento, neste estudo, ainda é *tarefa a ser empreendida e explicitada*, à luz de um resgate da *ciência como teoria do real*. Aí "ciência" e "real", guardam uma reciprocidade perdida ao longo dos séculos em que "ciência", na era da técnica, tornou-se o que calcula e domina, perdendo de vista o "Incontornável" (numa conjuntura, ou situação latente) na objetificação da natureza (pela física), da linguagem (pela filologia), da existência (pela psiquiatria), do acontecer histórico (pela historiografia) e que um pensamento meditativo busca guardar, face ao mistério do *SER* e de *ser* - "o que merece que se interrogue" e que nos remete sempre à existência.

Aprendemos com Heidegger:

Bem, que as ciências, em suas próprias vias e com seus próprios meios, não possam jamais penetrar até o ser da ciência, todos sabem, entretanto, todo homem que ensina as ciências ou que passa por uma ciência, pode como ser pensante, mover-se em níveis diferentes da meditação e os manter em vigilância (éveil).²

Na tradução de Emmanuel Carneiro Leão:

Os caminhos e meios das ciências nunca poderão atingir a essência da ciência. Todavia, como ser pensante, todo pesquisador e mestre da ciência, todo homem que atravessa uma ciência, pode mover-se em diferentes níveis do sentido e manter-lhe sempre vivo o pensamento.³

É nessa direção que nos en-caminhamos, podendo explicitar agora de onde proveio a intenção de nos movermos num pensamento meditativo, ao nos voltarmos sobre a experiência da trajetória dos profissionais-alunos, ao nos experienciarmos em nosso *vir a ser psicodramatista* que se realiza a *cada vez*, no horizonte do Psicodrama e de um Projeto Educacional.

Engajar-se na direção de um caminho que uma coisa tem, dela mesma, já seguido diz-se em nossa língua *sinnan, sinnen*. Entrar no sentido (*Sinn*), tal é o ser da meditação (*Besinnung*). Isto quer dizer mais que se tornar simplesmente consciente de alguma coisa. Nós não chegamos ainda à meditação, pois nós não estamos senão na consciência. A meditação é desvantagem. Ela é abandono a "Isto que merece que se interrogue."⁴

Na tradução brasileira:

O alemão *sinnan, sinnen*, pensar o sentido, diz encaminhar na direção que uma causa já tomou por si mesma. Entregar-se ao sentido é a essência do pensamento que pensa o sentido. Este significa mais do que simples consciência de alguma coisa. Ainda não pensamos o sentido quando estamos apenas na

² Martin HEIDEGGER - Science et Méditation, in Essais et Conférences, p. 78. (trad. nossa)

³ Idem - Ciência e pensamento do sentido, in Ensaio e conferências, p. 59.

⁴ Martin HEIDEGGER - Science et Méditation, in Essais et Conférences p. 76. A edição francesa traz uma nota esclarecendo: *Sinnan* (velho-alto-alemão) é por *sind-nan*, de *sind*, caminho, marcha.

consciência. Pensar o sentido é muito mais. É a serenidade em face do que é digno de ser questionado.⁵

No exercitar-se nesse modo de conhecer, chegamos onde já nos encontramos, embora sem tê-lo percebido antes, *explicitamente*. "No pensamento do sentido, encaminhamo-nos para um lugar onde se abre, então o espaço que atravessa e percorre tudo o que fazemos ou deixamos de fazer", experienciando-se num "retorno ao país natal", "ao lar".

Este pensamento já não é mais "filosofia" como um sistema, mas convite ao filosofar, como amor à sabedoria, que brota da situação concreta onde nos encontramos. Aí, teoria é "consideração-meditação (*Betrachtung*) do real" e mais radicalmente "*visão protetora da verdade*", guardiã da verdade como (des)ocultamento do *real*.

O "real", não como o "fato", o "certo objetificado", mas como o "feito" que eclode de um *operar* (o operante e o operado no sentido daquilo que leva ou é levado à vigência - à patência), seja pelas mãos humanas, seja pela natureza. Em ambas as situações fala a *physis* (surgimento) - inspiração para em outro estudo, pensarmos no sentido de sermos co-criadores, como nos aponta Moreno, em que a *espontaneidade é caminho*.

No início do ensaio "Ciência e Meditação" (Ciência e pensamento do sentido), Heidegger alerta-nos que tomando a arte e a ciência (incluiríamos a filosofia), apenas como "atividades culturais", não penetramos em sua essência.

Da "cultura", diz ser "o espaço em que se desenrola a atividade espiritual e criadora do homem" ⁶. Da arte considerada em sua essência, "uma sagração e um refúgio, a saber, a sagração e o refúgio em que, cada vez de maneira nova, o real presenteia o homem com o esplendor, até então encoberto de seu brilho a fim de que, nesta claridade, possa ver, com mais pureza, e escutar, com maior transparência, o apelo de sua essência." Da ciência, diz ser "um modo decisivo de se apresentar tudo que é e está sendo" ⁷ e "não obstante a essência da ciência moderna que, fazendo-se européia, tornou-se planetária, funda-se no pensamento grego que, desde Platão chama-se filosofia".⁸ É a partir dessas considerações que empreende sua marcha investigativa desocultando "real" e "teoria" para posicionar *ciência como teoria do real*, à luz do mundo grego e no que esta se tornou, com as traduções romanas e com o ímpeto da modernidade em tudo controlar e dominar.

Ao final do ensaio retorna à consideração sobre a Cultura (*Bildung*), para continuar explicitando a natureza do pensamento meditativo - *o que considera a presença do que se manifesta*. A tradução brasileira fala simplesmente em "formação" e não em "cultura" e cria alguns impasses para quem "é atravessado por uma ciência". Tentamos seguir a tradução francesa (revista por Heidegger):

Meditar (pensar o sentido) é de uma outra essência que o "tornar consciente", que o saber da ciência e de uma outra essência também que a cultura (*Bildung*). A palavra *bilden* ("formar") significa por um lado: construir um modelo-imagem e produzir um modelo escrito. Por outro: dar forma desenvolver disposições pré-existentes. A cultura coloca diante do homem um modelo (*Vorbild*) segundo o qual ele informa e desenvolve seu fazer e seu não fazer. A cultura tem necessidade de uma imagem diretriz (paradigma) assegurada, previamente estabelecida de uma posição defendida de todos os lados. A produção de um ideal comum de cultura e sua difusão pressupõe

⁵ Idem - Ciência e pensamento do sentido, in Ensaio e conferências, p. 58.

⁶ Martin HEIDEGGER - Ciência e pensamento do sentido, in Ensaio e conferências, p. 58.

⁷ Ibid. p.58

⁸ Ibid. p.40

uma situação do homem que não seja colocada em questão e que seja assegurada em todas as direções. Esta pressuposição deve fundar-se em uma fé na potência irresistível de uma razão imutável e de seus princípios.

Ao contrário, a meditação (o pensamento do sentido) é somente dirigirmo-nos para o lugar de nossa morada. Esta permanece sempre histórica..."⁹

Considerada como "obra da cultura", toda "formação" no palco social, "en-forma" numa visão de homem e de mundo. No entanto, só alçamos à condição humana em meio à herança sócio-cultural mediada por relações significativas e só nos tornamos "meditativos", porque temos um lugar de onde partimos, para interrogar e re-visitar.

As palavras de Heidegger, no entanto são um alerta, para nós que "ensinamos uma ciência e somos atravessados por ela", reconhecemo-nos no caminho de Moreno e a partir dele realizamos um Projeto Educacional, quanto ao nos mantermos vigilantes face a níveis diferentes de sentido(s) e "mantermos um pensamento vivo". O risco é nos "en-formarmos" num pensamento tornado *ideologia*, tanto no sentido vulgar, como conjunto de idéias prontas, fechadas num sistema, quanto no sentido Marxiano, como o que falseia a "realidade" no escamoteamento dos pré-conceitos de classe. A sua curta, controversa e infeliz passagem pelo nacional socialismo alemão, deve ter custado a Heidegger, atribuir às palavras da citação acima, extrema gravidade. À elas aliam-se outro alerta: "a ciência não pensa"¹⁰ que entenderíamos como a ciência moderna calculadora que esquece os diferentes níveis de sentido(s).

A condição humana move-se no círculo hermenêutico (compreensivo-interpretativo), na construção de suas *moradas*. Está às voltas com uma "visão de mundo" - um relacionar-se com as coisas em sua totalidade, de um determinado lugar, na arte, na filosofia, na ciência, na religião, na educação. (Des)ocultá-la é um modo da *lembança do ser*, entrar em *consideração*.

Quando a abordagem Moreniana nos alerta acerca do risco de nos perdermos nas "conservas culturais", como saberes e como com-portamentos prontos, *considera* o risco de uma "ciência" que não pensa e convida a *habitar*: nossa existência histórica, seus próprios conceitos e a direção dada: *cultivarmos espontaneidade-criatividade no ser em relação a, no ser em relação com, em que o palco psicodramático é uma travessia*.

Assim, a "filosofia terapêutica" de Moreno, em que pese a ingenuidade apontada ao trabalharmos Socionomia no palco social, no "Primeiro Ato", devido a não suficiente consideração das macro-estruturas econômicas e políticas, permanece como um alerta a não paralisação frente a elas, num mover-se que articula "forças de cooperação" nas relações concretas entre os *socii*, a partir de nossa rede de papéis (modos de ser). Põe-se como um chamado ao não conformismo, em "aliança com a vida", na proximidade do "si mesmo", meu, do outro, do nós, em que somos singulares em co-existência.

Falamos então, de uma tomada de posição pensante e não tecnicista, uma postura (*ethos*)¹¹ frente à totalidade das coisas que se apresentam.. Não como *ideologia*, (aprisionamento da espontaneidade-criatividade numa conserva, alienação de nossa existencialidade) mas como visão de mundo (*weltanschauung*) que dá sustentação ao mover-se do psicodramatista no entrecruzamento de "filosofia", "ciência" e "arte".

Aprendemos com Heidegger que *Weltanschauung* funda-se na possibilidade do "filosofar": ser meditativo - aprender a *habitar*, como experiência existencial de nosso ser-no-mundo em que somos transcendência em cada situação que se apresenta e face ao mistério da existência. Neste mistério em que nos damos conta de nosso desamparo (*Haltlosigkeit*) e que

⁹ Martin HEIDEGGER - Sciece et Méditation, in Essais et Conférences, p. 77. (na trad. brasil., p.58)

¹⁰ Idem - Qué significa pensar? p.13.

¹¹ Martin HEIDEGGER - Heráclito, p.225.

põe Moreno no cuidado com a "casa do homem" é que construímos visão de mundo: modo de enfrentarmos a presença ultrapotente das coisas, contornando-as.

Anschauung não significa aqui intuição ou concepção, mas sim atitude, tomada de posição e *Welt* possui uma ambiguidade central, que envolve tanto a noção de mundo como totalidade dos entes, quanto aquela visualizada por Kant, ao conceber mundo como o "jogo da vida".

...ter *Weltanschauung* significa sustentar-se no ser-no-mundo, isto é, obter meios determinados para contornar o desamparo da transcendência, possibilitando o encontro - não necessariamente bem-sucedido - com aquilo que possa fornecer sustentação.

...podemos ter duas formas básicas de *Weitanschauung*: abrigo (*Bergung*) e sustentação (*Haltung*). No primeiro...não se trata de enfrentamento com a potência (das coisas), mas de submissão que encontra abrigo no próprio poder superior (Heidegger discute aqui as formas do pensamento mítico). Já no segundo, enquanto uma forma derivada do primeiro, a *Weltanschauung* apresenta-se como sustentação, ou seja, a totalidade dos entes é objeto de uma contraposição, de uma disputa... É com base nesta forma de transcendência que podem surgir a ciência, a técnica e a filosofia.¹²

Moreno sem ser filósofo profissional, exercita seu ser "filosofante" numa tomada de posição, postura (*ethos*) frente às coisas *na sustentação* do ser espontâneo-criativo, a partir do quê abre um caminho de investigação. Guarda sensibilidade face à condição humana de "tornar-se abrigo no ser desabrigado"¹³ e é explícito na proposição de um ex -por-se para "cuidar da casa do homem". Constrói a Socionomia como abordagem teórico-metodológica, em que nos experienciamos em nosso desenraizamento nos diferentes palcos da existência. Chamada para um enfrentamento e não submissão, "à potência superior das coisas". Cabe a cada psicodramatista ao manter esse pensamento vivo, não torná-lo *ideologia*, mas um *investigar*.

Nessa direção já vemos a *existência psicodramática* projetar-se, quando "pensa o sentido" de uma *ética da espontaneidade-criatividade*.¹⁴

A relação entre a análise existencial de Heidegger (nos planos: ontológico como pensamento do ser e ôntico como caminho para se estudar *dasein*: "presença", como nos atestam os *Seminários de Zollikön*) e o Psicodrama, mostra-se como um caminho rico de possibilidades como anteviu Moreno: "Cada sessão psicodramática é uma experiência existencial e pode fornecer informações fundamentais para uma sólida teoria da existência"¹⁵ e não se esgota então, numa viabilização metodológica-técnica.

¹² Róbson RAMOS DOS REIS - Resenha de *Einleitung in die Philosophie* (Introdução à Filosofia) de Martin

Heidegger, pp.216-217.

¹³ Estas palavras são de Heidegger e aparecem em *Hölderlin Hymne "Der Ister"*, trazidas por Françoise DASTUR ao comentar os estudos de Hölderlin sobre *Antígona* - Reflexões, p. 202.

¹⁴ Vários Autores - A ética nos grupos - contribuição do psicodrama / pref. de Pierre Weil. Nessa obra, participamos com a produção prático-teórica: Ética, cidadania e educação - um trabalho sociodramático.

¹⁵ Jacob L. MORENO - Fundamentos do Psicodrama, p.231.

No entanto, se " as validações científica e existencial não se excluem uma à outra, podendo ser construídas num *continuum*"¹⁶ como propõe Moreno, cabe a nós psicodramatistas indagarmos, que "ciência" e que teorias construímos.

Nesse caminho é importante rever a admoestação que Moreno faz a Heidegger (chamando-o de existencialista intelectual), através das palavras de Kierkegaard, numa cena imaginada por ele. Nesta cena em que Heidegger pergunta pelo sentido do ser, Moreno imagina a resposta de Kierkegaard, remetendo-o à própria existência. Ora, esse é o percurso de "Ser e Tempo", trilhado do lugar de "filósofo" que (des)soculta a *ek-sistência* como "abertura ao ser". É enraizados nessa abertura que podemos como "profissionais das ciências humanas," dar conta do(s) sentido(s) que vão se fazendo em nossa existências.¹⁷

SEGUNDA CENA: O fenômeno vir a ser psicodramatista enraizado à luz da ek-sistência.

Sem asas não se pode
Agarrar o mais próximo
Diretamente
E chegar à outra margem.

Hölderlin - "O Istro"
(Der Ister)

Revisitar agora os momentos em que passo a passo fomos realizando nossas reflexões ao longo do Segundo Ato: "O ator social se traz como autor em seu vir a ser psicodramatista" bem como o movimento compreensivo-interpretativo (hermenêutica) empreendido na finalização provisória do estudo de cada "fonte de dados", permite-nos nos dar conta de que "dados", reflexões e sínteses hermenêuticas, continuam a "falar", e se desdobram em questões a serem trabalhadas, fertilizando nosso fazer e nosso pensar. Ao conquistarmos maior distância, poderão ser retomados na explicitação da existência psicodramática que neste trabalho apenas *começamos* a investigar.

Diante do primeiro estudo realizado tendo por base as *cartas de intenções* - "Horizonte do ator social em seu vir a ser psicodramatista" e o que vai acontecendo no Ato Sócio-psicodramático, em que o ator social faz-se investigador da experiência de sua trajetória (primeiro com as imagens-esculturas singulares, depois grupalizando nas cenas, até a ação coletiva) revela-se a diferença entre a palavra dita nos primeiros escritos e a palavra *habitada* no palco psicodramático que conta de um acontecer de cada um e do grupo de aprendizagem. Aí, o corpo faz-se linguagem e *abre um mundo* - o mundo experiencial. Do mesmo modo, nos encontros com Mara e Maitê, se a palavra falada é reveladora, é nas ações dramáticas que emergem, que o horizonte de sentidos em que se movem, mostra-se numa nova luz, sublinhando "o dizer" de Mara (seu corpo fala antes da palavra) e des-velando o drama de Maitê em seu encontro com Moreno como *dramati personae*.

Os "dados" de campo, como nosso "real" que surge (o operado e o operante) (de)socultado numa obra comum, apontam para um caminho de singularização (um aproximar-se de seus próprios modos de ser), possibilitado pelo Psicodrama, construído em co-existência. Aqui pisamos com cuidado o terreno do "certo" (*veritas*) e nos movemos no caminho do des-velamento (*aletheia*) - da clareira que somos, como ser-no-mundo.

Habitar a palavra, no entanto, não se põe como tarefa, apenas no palco psicodramático (contexto do "como se") no Psicodrama. No palco social (contexto social onde "todos" estamos e contexto grupal em que nos reunimos como *socii*), também *cenas* estão acontecendo e nos

¹⁶ Ibid., p.231.

¹⁷ Marília MARINO - "Encontro", in O acontecimento educativo psicodramático - encontro entre Heidegger, Moreno e uma psicodramatista educanda/educadora. Tese de Mestrado em Educação, PUCSP, 1992, pp. 222-229. Nesta parte desenvolvemos a cena imaginada por Moreno, construindo um diálogo entre os autores, a partir de trechos de suas obras.

chamam para re-conhecer o *drama* (a ser encenado ou que surge a partir do que foi encenado no palco psicodramático). Aprender a tematizá-los (cena e drama) joga-nos na relação com a linguagem que "fala" de diferentes modos.

Esse re-colher (*logus*) é condição de possibilidade para que a *epistheme* (o entender-se com as coisas) na existência psicodramática não se perca num afã tecnicista ou que "rouba o cuidado do outro" e *abra-se em seu ser espontâneo-criativo* para re-conhecer a situação em que se está com o outro: um aprender a su-portar o que se mostra e compartilhar sentido (s). É exemplar a experiência relatada no protocolo do Ato Sócio-psicodramático e a reflexão que se segue no momento do "compartilhar - elaborar". Aí, direção e atores sociais, postos numa nova cena no contexto grupal, realizam alguma aprendizagem acerca do que se quer dizer, pois revela-se de outro modo a sociodinâmica grupal e o drama do falar-escutar. Desta consideração decorre o contínuo cultivo como coordenados de grupos em que como "diretores e egos-auxiliares", nos lançamos, chamando-nos a uma outra relação com as palavras e com a *escuta*:

As palavras não são simples vocábulos (Wörter), assim como baldes e barris dos quais extraímos um conteúdo existentes. Elas são antes mananciais que o dizer (Sagen) perfura, mananciais que têm que ser encontrados e perfurados de novo, fáceis de obturar, mas que, de repente, brotam de onde menos se espera. Sem o retorno sempre renovado aos mananciais, permanecem vazios os baldes e barris, ou têm no mínimo, seu conteúdo estancado.¹⁸

Remetendo-nos ainda ao estudo realizado em torno das *cartas de intenções*, em que ponderávamos que permanecia implícito no discurso de quase todos os atores sociais interessados, tanto a *disposição* quanto a *compreensão* de que pôr-se no caminho do Psicodrama, significava não só *transformar*, mas principalmente *transformar-se*.

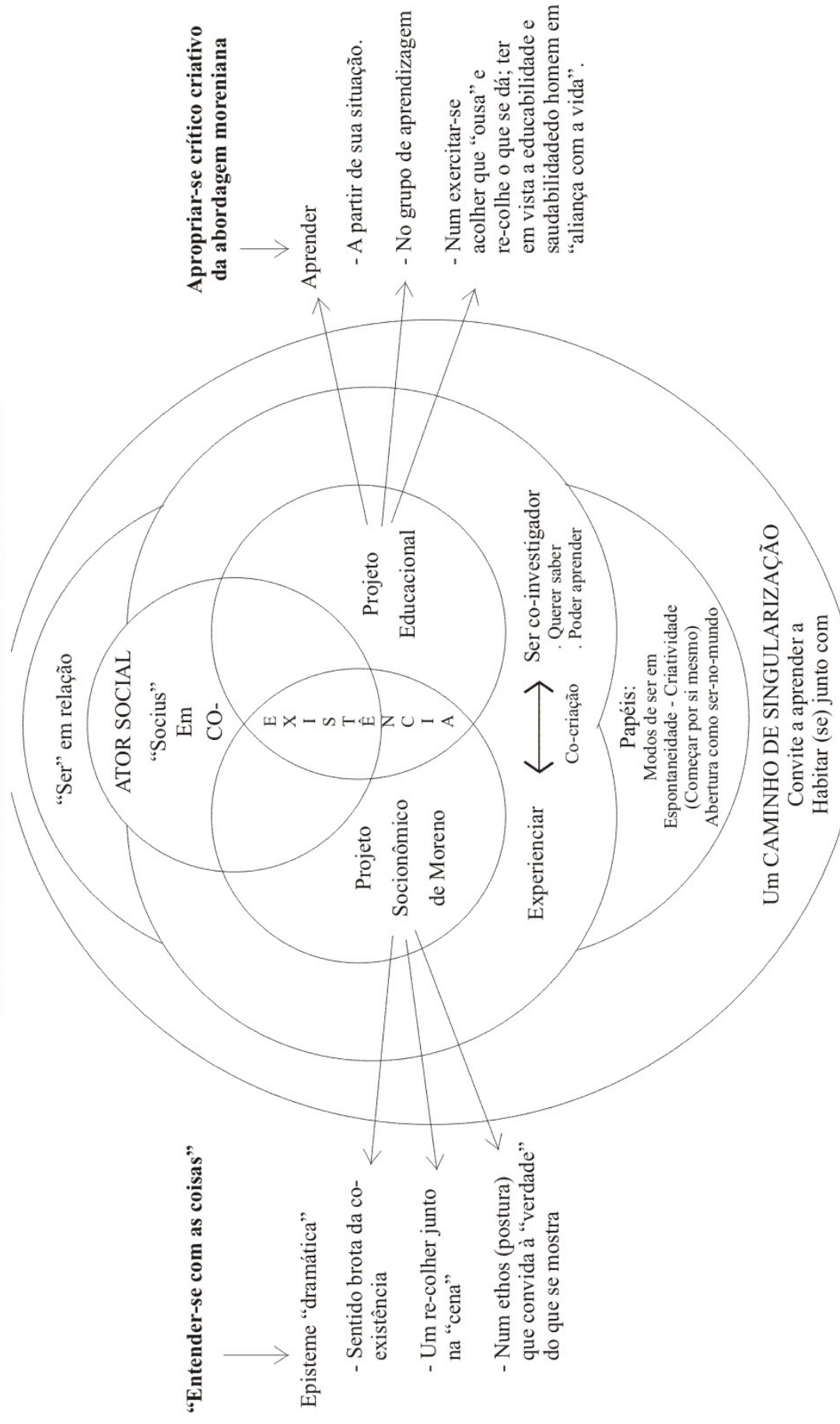
O que se recolheu a partir da experiência do Ato, bem como dos encontros com Mara e Maitê, permite-nos dizer que a existência psicodramática se en-caminha para o auto-conhecimento. A travessia pela "formação" é *transformadora* e chama para o auto-conhecimento como *arefa existencial*, no que nos tornamos singulares.

Privilegiamos em nossas reflexões, o (des)velar da *existencialidade - a abertura ao ser em que espontaneidade-criatividade se enraíza.*, pontuando o "sido", o "sendo", o "por-vir" (o desdobrar-se em temporalidade - espacialidade) como "lugares" de onde o sentido brota da co-existência. Como direção na continuidade de nossos estudos, é importante no entanto considerar que *é a cada vez* que podemos ver *quem fala em nós* no "começar por si mesmo". Dispomos aí, de uma chave para repensarmos "papéis" - a face visível de nossos modos de ser, que acontecem entre: *os scripts en-formadores da cultura- onde impera o todo-mundo e o com-portar-se singular - próprio*, em que nos movemos como ser-no-mundo: *dasein* - ser aí. *Habitar esse "entre" é o convite do Psicodrama.*

Mesmo tendo a clareza de que muitas reflexões ainda permanecem embrionárias, é chegada a hora de sair de cena. O diagrama a seguir (Diagrama IV), alinhava os principais ganhos obtidos em nosso percurso, no caminho de explicitar o fenômeno existencial : vir a ser psicodramatista. Desenvolvido a partir do primeiro esboço que deu sustentação ao nascimento da investigação, apresentado no início do protocolo do Ato Sócio-psicodramático e compartilhado com os atores sociais investigadores e investigados, este diagrama coloca-se como um mapa a indicar a continuação da caminhada.

¹⁸ Martin HEIDEGGER- *Qué significa pensar*, p. 127. (optamos pela tradução de Benedito NUNES - *Passagem para o poético*, p. 267.

O que acontece com o ator social como ser-no-mundo em seu:
VIR A SER PSICODRAMATISTA: fenômeno existencial tematizado



ENCAMINHAR-SE na re-solução de abrir-se a um poder su-portar
 o que se manifesta: genuína ação de fazer (poiesis) aberto ao MISTÉRIO da EXISTÊNCIA

TERCEIRA CENA: PROJETO EDUCACIONAL EM MOVIMENTO

Mas onde há
perigo, cresce
Também o que
salva.

Hölderlin -
"Patmos"

A investigação realizada possibilita um voltar-se para o projeto educacional formação em Psicodrama, obra de um coletivo, com novas perspectivas. Cabe reafirmar seu lugar histórico-político como iniciativa pioneira que promove a formação do psicodramatista (socionomista) ocorrendo na Universidade, em parceria com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo e *considerar* em seu acontecer cotidiano, o projeto de co-existência de que é portador.

Em seu ser *documento*, como "carta de intenções" que articula diferentes instâncias institucionais e em seu ser *movimento* que trama pessoas em relação (em diferentes grupos), vem sendo pensado e aprimorado em seus princípios, em seu desenho curricular e condições de viabilização, pelo coletivo nele implicado de modo direto, ao longo dos sete anos desde sua implantação, como o trouxemos no início deste trabalho. Do palco socioinstitucional em que está, através dos *socii* que o sustentam, tem sido ex-posto a outros palcos que congregam os psicodramatistas e nestas oportunidades, como o Anexo VI - (Currículo Básico na atualidade para os cursos de formação em Psicodrama) o confirma, seus pressupostos tem sido explicitados e submetidos à discussão.

Diante do *que acontece com o ator social como ser-no-mundo em seu vir a ser psicodramatista*, investigado aqui, detendo- nos junto a algumas experiências da trajetória dos profissionais-alunos da turma ASA, a primeira turma da profícua parceria SOPSP-PUCSP e constatado o impacto desencadeado por essa *travessia transformadora em suas existências*, cabe-nos continuar a pensar o sentido do Projeto e zelar pelo seu aprimoramento, no qual também estamos implicados como ser-no-mundo. Afinal, do lugar em que somos profissionais, guardamos uma relação com a totalidade da presença das coisas.

Como indicações que provém dos "dados de campo", seria importante ter em vista:

. Como documento:

. Aprofundar a explicitação de seus pressupostos em dois níveis:

- . Educacionais - considerando o aprender Psicodrama como caminho da experiência, redescobrimo o lugar da palavra.
- . Psicodramáticos - considerando a abordagem Moreniana e seu se desdobrar como filosofia, ciência e arte à luz de um pensamento que medita.

. Revisar o espaço curricular para considerar:

- . momentos específicos em que a sociodinâmica de cada grupo de aprendizagem (campo em que a aprendizagem de ser psicodramatista se dá) possa ser tema enfrentado explicitamente.
- . a importância do olhar sobre a corporeidade *ao longo* do percurso.
- . o resgate histórico e atual das interfaces teatro e psicodrama.
- . um lugar para se explicitar a contribuição de diferentes "pensadores" para as ciências humanas e o lugar de Moreno (permitindo que "a cultura"- situação com que o profissional-aluno chega, seja mais contemplada).

. Como Movimento:

. Implementar a construção da equipe docente, não para um aplainamento de suas diferenças, mas para a explicitação das mesmas, inclusive clareando os diferentes lugares a partir dos quais se dá a sua leitura do Projeto de Moreno, tanto tendo por base o papel âncora, quanto a caminhada de estudos de cada docente. Retomar o "Mapa conceitual" (anexo IV) pode

ser um caminho para essa explicitação, no cuidado para lidar com a tensão de paradigmas em que Moreno construiu sua obra e que aqui apenas apontamos.

. Como educadores "atravessados por uma ciência", tentando "manter um pensamento vivo", comprometidos com o ator social espontâneo-criativo, que também vai se empenhar nessa tarefa em diferentes palcos sociais, para garantir o *genuíno fazer (poièsis) habitar*, precisamos ser os primeiros a cultivar em nossa *abertura ao ser*, o auto-conhecimento. Visto como tarefa existencial, "filosófica", é possibilitadora de acolher o a-se-pensar em cada situação relacional em que nos encontramos, construindo *uma nova cidadania, um novo projeto de co-existência, ético-político-estético, responsável*.

AS CORTINAS CAEM PROVISORIAMENTE

Sócrates e Alcebíades

"Por que amas tu, santo Sócrates,
Este jovem sempre? Não conheces nada maior?
Porque olha com amor,
Como pra os Deuses, tua vista pra ele?"

*Quem o mais fundo pensou é que ama o mais vivo,
Quem olhou fundo pra o mundo, entende excelsa juventude,
E os sábios inclinam-se
Ao fim às vezes pra o Belo.*

Hölderlin

O que o pensamento sobre a importância do não esquecimento do ser, diz a nós envolvidos com o cuidado do outro - um procurar por - no modo de ser psicoterapeuta, no modo de ser educador, no caminho aberto por Moreno?

O alerta para não sucumbirmos às representações prontas que *ocultam* a relação viva que cada homem mantém com *sua existência* e nisto falam juntos Heidegger e Moreno.

A incompletude teórica da produção Moreniana pode ser o desafio e o convite para *habitar*mos juntos, a cada vez a abertura de sentido(s). A tomada de posição Moreniana, é disparadora para um *habitar* na vizinhança da transcendência, a partir do *palco*: gesto e palavra re-colhidos na *cena* em que nossas existências se tramam num *drama* a ser re-velado. Nessa *passagem* somos possibilitadores dessa lembrança: um zelar pelo nascer de *espontaneidade* e do que gera vida, *criatividade*, na preservação da Terra, morada dos mortais.

Ao sair de cena como investigadora sistemática, neste momento, pois um tempo nos é dado no "palco do mundo", reafirmamos a importância de continuar a pensar Psicodrama (em sua proposta de educabilidade e saudabilidade do homem) e Educação. Cabe explicitar o ver prévio em que nos movemos, a cada vez, *abrindo* as conservas culturais, buscando a direção que vem da nossa existência encarnada, no que o *a-se-pensar* se faz modos de ser (papéis) sustentados em nosso *ser-no-mundo*. Aí continuam a falar juntos, Heidegger e Moreno. O primeiro nos presenteia com o *pensamento do sentido*, o segundo com o pensamento e o caminho *para que psykhé encarnada, se faça palco* e, assim, re-encontre "sopro de vida".

Despedirmo-nos da "peça" que aqui se construiu, mantendo no horizonte os poemas de Hölderlin e de modo especial o verso que se segue, permite-nos reavivar o cuidado com a co-existência.

Heidegger auxilia-nos com sua meditação:

"Quem pensou o *mais profundo* ama o *mais vivo*.
A interpretação dessa passagem pode-se resumir nesta outra entonação:

BIBLIOGRAFIA

I. OBRAS DE JACOB LEVY MORENO:

(1971). *Las Palabras del Padre*. Trad.: Jaime Ortiz. Buenos Aires, Editorial Vancu, 1976.

(1971). *As Palavras do Pai*. Pref. de ZerKa Moreno, esclarecendo: Original: Das Testament des Vaters publicado na Alemanha em (1922), tendo a 1ª publicação em inglês com alterações e complementações em (1941). Trad.: José Carlos Landini & José Carlos Vitor Gomes. Campinas, S.P., Editorial Psy, 1992.

(1973). *El Teatro de la Espontaneidad*. Trad.: Miguel Masciano. Buenos Aires, Editorial Vancu, 1977.

(1973). *O Teatro da Espontaneidade*. 2ª ed. Pref. de J. L. Moreno esclarecendo: Original: Das Stegreiftheater publicado em alemão em (1923), tendo a 1ª publicação em inglês em (1947), seguida de revisão e alterações na edição que serviu de referência. Trad.: Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo, Summus, 1984.

(1953). *Fundamentos de la Sociometria*. 2ª ed Trad.: J. García Bouza y Saul Karsz. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.

_____. *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. Trad.: Denise Lopes Rodrigues e Marcia Amaral Kafuri; Rev.Téc.: Geraldo Francisco do Amaral e Paulo de Oliveira Goiânia, GO, Dimensão, V. I, 1992; V.II e III, 1994.

(1911 a 1945). *Psicodrama*. 3ª ed., Trad.: Alvaro Cabral. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1984.

(1931 a 1943). *Psicomúsica y Sociodrama*. Trad.: Carlos Eduardo Saltzmann. Buenos Aires, Ediciones Hormé S.A.E., 1965.

(1959). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Pref. de J. L. Moreno esclarecendo: 1ª ed. é de (1932). Trad.: Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1974.

(1959). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo, Summus Editorial, 1983..

(1989). *J. L. Moreno Autobiografia*. Organização e trad.: Luiz Cuschnir. São Paulo, Saraiva, 1997.

(1966). *Psiquiatria do século XX – Funções dos Universais: Tempo, Espaço, Realidade e Cosmos*. Trad.: Margit Ellen I. Reinecke. São Paulo, CEPA, 1970.

¹⁹ Martin HEIDEGGER - Heráclito, p.232. (nos itálicos do autor, uma indicação para o meditar)

II. OBRAS DE MARTIN HEIDEGGER

(1927).*Being and Time*. Trad.: J. Macquarrie and E. Robinson. New York, Harper & Row, 1962.

El Ser y el Tiempo. 5ª ed., Trad.: José Gaos. México, Fondo de Cultura Económica, 1974.

Ser e Tempo. Parte I. e II, . Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, R.J., Vozes, 1988 e 1989.

Os Pensadores. Tradução e Notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril S. A. Cultural, 1973. V. XLV.

(1955). Que é isto – a Filosofia.

(1929). Que é Metafísica; (1943). Posfácio; (1949). Retorno ao Fundamento da Metafísica.

(1966). O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento.

(1929). Sobre a Essência do Fundamento.

(1943). Sobre a Essência da Verdade.

(1949). Sobre o “Humanismo”- Carta a Jean Beaufret, Paris.

(1957). Identidade e Diferença: O princípio da Identidade; A Constituição Onto-teológica da Metafísica.

(1960). Hegel e os Gregos.

(1964) . A Determinação do Ser do Ente segundo Leibniz. (Conferência de 1928)

(1963). A Tese de Kant sobre o Ser.

(1968). Tempo e Ser. (Conferência e Protocolo do Seminário sobre a conferência de 1962)

(1963). Meu Caminho para a Fenomenologia.

(1937). Hölderlin y la esencia de la poesia, in: *Arte y Poesía*. 2ª ed. Trad.e prólogo de Samuel Ramos. México, Fundo de Cultura Econômica.

(1952). El origen de la obra de arte, in: op.cit.

(1943-1944). *Heráclito: a origem do pensamento ocidental; lógica:a doutrina heraclítica do lógos*. Trad.: Marcia Sá Cavalcante Schuback a partir do v.55 das obras completas. Rio de Janeiro, Relume Dumará,1998.

(1954). *Essais et Conférences*. Trad.: André Préau. Paris, Gallimard, 1976.

(1955)*Sobre o Problema do Ser*.(1948) *O Caminho do Campo* Trad.: Ernildo Stein. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1968.

(1929). *Kant y el Problema de la Metafísica*. .Trad.: Gred I. Roth. México, Fondo de Cultura Económica, 1973.

(1971) *Poetry, Language, Thought*. Trad: Albert Hofstadter New York, Haper & Row, 1975.

(1959a). *On the Way to Language*. Trad.: Peter D. Hertz New York, Harper & Row, 1982.

_____. *De Camino al Habla*. Trad.: Yves Zimmermann. Barcelona, Odós Ediciones del Serbal – Guitard, 1987.

(1959b). *Serenidad*. Trad.: Yves Zimmeermann Barcelona, Odós Ediciones del Serbal – Guitard, 1988.

(1959 a 1970). *Seminários de Zollikon* Trad.: Gabriela Arnholde col.: Maria de Fátima de Almeida Prado; em preparação para publicação. Organização de Medard Boss em 1987.

(1950). *Sendas Perdidas*. (HOLZWEGE) – 3ª ed., Trad.: José Rovira Armengol. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1979.

(1954) *Que Significa Pensar?* Trad.:Haraldo Kahnemann. Buenos Aires, Editorial Nova, s.d..

(1953) *Introdução à Metafísica*. (Preleção de 1935) Tradução, Introdução e Notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1966.

(1959). *Discourse on Thinking* Trad.: John M. Anderson and E. Hans Freund. New York, Harper & Row, 1969.

(1951). *Approche de Holderlin*. Trad.: H. Corbin, M. Deguy, F. Fedier et Jean Launay. Paris, Gallimard, 1962.

(1927). *Todos nós ... Ninguém – Um Enfoque Fenomenológico do Social*. Apresentação, Introdução e Comentários de Dulce M. Critelli. São Paulo, Editora Novaes, 1981.

A Morada do Homem. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis. Vol. LXXI, nº4: 43-54, maio, 1977.

(1934). Porque ficamos na Província?

(1949). O caminho do Campo.

(1956). Do mistério da Torre dos sinos.

(1959). Uma palavra de agradecimento.

(1969). O discurso dos 80 anos.

(1969). A questão sobre a morada do homem.

(1960). *Da experiência do Pensar*. Intrad., notas e trad.: Maria do Carmo tavares de Miranda. Porto Alegre, R.S., Edit. Globo, 1969.

Heidegger e a Política. O caso de 1933 Entrevista-Testamento de Martin Heidegger. Tempo Brasileiro, Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, nº 50: 67-89, julho-setembro de 1977.

(1987). *Seminários de Zollikon*. Edit. por Medard Boss. Trad.: Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo, EDUC; Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

